

RUBEM BRAGA

CAPITU, CELESTINO

OS CRITICOS estão todos de acôrdo em que Isabela não deu uma boa Capitu no cinema. Quem faria bem o papel? Das artistas profissionais, não vejo ninguém melhor do que Leila Diniz. Sem ser convencionalmente bonita, Leila tem aquêlê «patos» de mulherzinha de classe média que é um perigo. Além dos óbvios encantôs físicos, tem uma cara altamente expressiva, capaz de viver o mistério e a fascinação de Capitu. Bem poliada pelo diretor, faria uma esplêndida personagem de Machado de Assis.

Fora do cinema conheço duas mulheres com olhos de Capitu: Regina Bergalo e Regina Rosemburgo. Mas nenhuma é atriz, e uma está em Paris e outra no Tahiti...

— «» —

Não digo que em uma fase qualquer de minha vida eu tenha sido admirador de Vicente Celestino. Sua morte, entretanto, me comove. É como um velho guerreiro que tomba na linha de frente. Não morreu em sua casa nem em uma casa de saúde. Morreu do coração, no Hotel Normandie, que é quase um pôsto de combate: hospeda, tradicionalmente, todo artista de televisão que vai a S. Paulo.

Vicente Celestino não é um artista de rádio que passou pela televisão. Ele é an-

terior ao rádio. Mais ainda, é anterior ao microfone. Fêz um nome nacional cantando no berro mesmo, percorrendo o Brasil de trem, de navio, porque automóvel ainda não funcionava. Ouvi seu nome na minha mais remota infância: êle havia passado por Cachoeiro de Itapemirim quando eu ainda era menino de colo, ou antes de eu nascer, e tôdas as môças (as mocinhas que hoje estão com 70 anos...) falavam dêle com um suspiro: com aquela voz, aquela cabeleira, aquela cara romântica e o corpo desempenado, êle arrazava os corações. No teatro, alucinava. Depois no rádio ampliou sua fama.

Lembro-me de que por volta de 1935, já uma glória nacional, êle aderiu ao integralismo, o que nêle era um arroubo de brasileiro ingênuo, tipo «lá na serra al-taneira donde a cachoeira...»

Houve um tempo em que andou meio sumido, embora trabalhando sempre: depois a televisão foi buacá-lo para seus programas de saúde, e êle sempre aparecia com sua querida Gilda de Abreu, a «bonequinha de sêda» a que dedicou sua vida, e em cujos braços morreu.

«Êle me esperará onde quer que esteja» — disse Gilda entre prantos. Deve estar no céu, outra vez com 20 anos de idade atroando os céus com aquêlê vozeirão que tinha em 1914...

DN 25.8.68